

MEMÓRIA PPGA

SOBRE MINHA HISTÓRIA NA ANTROPOLOGIA

Manuela do Corral Vieira¹

Orgulho-me de começar estes escritos dizendo que minha história como antropóloga coincide em muitos pontos com a do programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). O programa foi criado e, em paralelo a esta trajetória, desenvolveu-se também a minha: fui da primeira seleção, da primeira turma e, também, a primeira discente e primeira doutoranda a defender seus estudos e obter o título pelo programa. Todos estes movimentos e experiências são o resultado de uma pesquisadora, e também de um sujeito, que se encontrou, reconheceu-se nesta experiência e que se permitiu perceber a riqueza e as complexidades das piscadelas antropológicas de que Geertz tratava.

Ainda lembro quando, muito destemidamente, enviei o primeiro email ao programa perguntando as primeiras dúvidas sobre o processo seletivo. Digo destemidamente porque uma publicitária, com mestrado em Marketing-Administração, precisa ter muita consciência de seu local de fala (expressão esta que depois consegui nomear para antigas percepções, a partir de aprendizados durante as aulas do PPGA) para perguntar o que tão perdidamente perguntava. Algo me motivava a escrever aquele e-mail, que me dizia que havia um espaço naquela teia de significados para mim. Surpreendentemente meu email não desmotivou os interlocutores que o receberam e que poderiam ter pensado: “mas quanta confusão. Esta pessoa realmente sabe do que se trata um programa em Antropologia nos 4 campos?”. Para meu espanto, surpresa e lisonja fui respondida pela professora Dra. Jane Beltrão, na ocasião Coordenadora do PPGA. Com didatismo, objetivismo e cuidadosa atenção, características essas que raras pessoas, como a professora Jane, conseguem reunir, foi então que pensei: há chances.

Passado o susto das primeiras leituras, lembremo-nos que Lévi-Strauss, Durkheim e Mauss haviam sido meu máximo contato com as margens entre a Comunicação e a Antropologia, participei da seleção e só pensava: ao menos esse texto da minha resposta poderá

¹ Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA), realizou Mestrado em Marketing na Universidad Autónoma de Madrid (UAM), no qual foi bolsista do Programa Alban (Programa de Bolsas de Alto Nível da União Europeia para a América Latina) e possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia (Unama). É Professora Adjunta na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM-UFPA) na Graduação em Publicidade e Propaganda e Jornalismo e professora permanente no programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, na linha de pesquisa Estratégias de Comunicação Midiática na Amazônia. É líder do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Consumo e Identidade" (UFPA-CNPq) e coordena o projeto de pesquisa "Consumo, Identidade e Amazônia: relações de sociabilidade e interação através da comunicação". Atua nas áreas Consumo e Cultura Material; Performance, Sujeitos e Sociabilidades; Gênero, Sexualidade e Processos Interacionais na Comunicação Social; Comunicação e Antropologia. E-mail: manuelacvieira@gmail.com

despertar a curiosidade – ou até o riso - em alguém durante a correção que talvez pense “mas de onde essa pessoa percebeu isto desta forma?” – talvez também seja sobre isso a Antropologia: possibilidades, entrecruzamentos de olhares. Precisava ainda entender muito sobre a relação entre áreas, sobre a cosmologia dos saberes, mas já sentia que aquele universo tinha muito a me ensinar. E, como por detrás dos feitos antropológicos sempre há muito de diálogo entre físico e metafísico, fui aprovada e, desde então nunca mais consegui perceber meus estudos de mercado e do campo das ciências da comunicação da mesma forma. O mundo de ponta à cabeça começava e me convidava a ser persistente para compreender e aprender com ele.

A Antropologia por si só já seria algo diferente do que estava habituada a estudar e a pensar sobre. Não fosse o bastante, ela se apresentava para mim na riqueza de 3 dos seus 4 campos: Arqueologia, Antropologia Social e Bioantropologia. A curiosidade sempre caminhou de mãos dadas comigo e esta foi a melhor companhia para que aquela publicitária pudesse se tornar cada vez mais antropóloga. As conexões com meus antigos estudos nem sempre foram imediatas, mas determinaram uma possibilidade de novo traçado para os planos futuros. E aprendi com os melhores, tanto docentes quanto discentes. A primeira turma respirava ansiedade e possibilidades, fato este que creio ser a principal magia que segue se perpetuando no programa.

Lembro ainda que, o que pode ser um pequeno detalhe e talvez uma das principais características do fazer antropológico, era para mim um desafio diário: escrever em primeira pessoa. Ao que minha então orientadora, professora Dra. Cristina Cancela, pacientemente me lembrava após cada leitura de meus textos “Manuela, você precisa se posicionar, onde você está no texto? Na sua pesquisa?”. Onde estava eu? Simplesmente não entendia muito bem onde me colocar no meio de tantas falas, de tanta teoria. Mas a Antropologia é esta aventura extraordinária ao Outro e a nós mesmos. Uma vez que compreendi, e sigo aprendendo sobre, a importância e a preciosidade, a unicidade do olhar, entendia o que minha orientadora precisava que eu percebesse, como já pontuado por Malinowski, com os imponderáveis da vida.

Onde estou eu agora após ter iniciado esta aventura antropológica no ano de 2010? Nunca mais consegui abandonar o método etnográfico e hoje, como docente do instituto de Letras e Comunicação da UFPA, na Faculdade de Comunicação (FACOM/UFPA) e no programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) é minha vez de pedir aos alunos e orientandos: se coloquem nos textos, escrevam em primeira pessoa, transpareçam e defendam os saberes e os conhecimentos, até que novos venham a se construir. Mergulhem no campo e permitam se encontrar após dias de angústia lendo e relendo diários de campo, transcrevendo exaustivamente nas margens, na beleza da diversidade das periferias do conhecimento. Devo muito da pesquisadora e da pessoa sensível e atenta que me tornei, e que sigo buscando ser, graças às experiências, às vivências e aos aprendizados no PPGA. Na experiência de me tornar este ímpar de mim mesma, em um crescente da transformação na qual, assim como nas palavras de Jorge Luis Borges, desenha o fio da meada desta teia do ser do é e do foi.